

TEMPORADA 2022

17, 18 e 19/MAR

OSESP
THIERRY FISCHER REGENTE
TOM BORROW PIANO

BEETHOVEN
Concerto para Piano nº 4

Para os românticos, Beethoven personificou ideais revolucionários e libertários, mas no século passado seu legado adquiriu uma fisionomia universal. Ele ainda continua sendo uma figura controversa: se ainda não há uma biografia ou um estudo analítico definitivo, é porque ele pertence mais ao presente que à especificidade de sua época, e seu impacto está longe de ser completamente absorvido.

Leonard Bernstein argumentava que o consolo que a música de Beethoven proporcionava aos ouvintes advinha de suas certezas, da sensação de que há uma ordem superior — uma forma — que orienta todos os passos, mesmo os mais incertos. Para nós, talvez o impacto mais forte venha da maneira como administrou as incertezas e contradições.

Sua obra espelha o homem Beethoven. A implacável rotina de trabalho manteve a coluna vertebral de uma vida pessoal caótica e uma personalidade instável, abalada pela tragédia da surdez. Sua capacidade de comunicação musical sem precedentes é o legado de um homem que não teve alternativas ao isolamento total. Sua visão de mundo, que muito deveu ao iluminismo, contemplava a independência total do indivíduo, baseada no seu valor intelectual, e não em origem social ou riqueza. [...]

Um dos aspectos da obra de Beethoven que encontra reverberação mais forte na atualidade são as pegadas deixadas pelo processo de criação, que hoje podemos admirar por seu valor artístico intrínseco. São as gotas de suor que dão liga a essas estruturas, que soam simultaneamente laboriosas e inevitáveis.

Perto do Natal de 1808, Beethoven organizou um concerto de obras suas em Viena, o que deveria ter sido o mais memorável concerto da história foi um fracasso retumbante. Foram estreadas nada menos que *4 Sinfonias nº 5* e *nº 6*, a *Fantasia Coral* e o *Concerto nº 4 para Piano*, sem contar os habituais números vocais. Um dos ouvintes reclamou de sentar-se sem pausa, das seis e meia da tarde às dez e meia da noite, num teatro gelado, ouvindo uma orquestra capenga. A *Fantasia Coral* mal foi ensaiada, e Beethoven teve de passar pelo vexame de interromper a apresentação e começar de novo.

Mas imaginem a perplexidade do público ao vê-lo entrar no palco, dirigir-se ao piano e começar, sozinho, o primeiro tema do *Concerto nº 4*, uma confidência sussurrada pelos anjos, numa época em que qualquer concerto de piano normalmente começaria com uma afirmativa introdução orquestral. E, em seguida, a orquestra aumentaria a surpresa, exclamando o mesmo tema uma terça acima, subvertendo as relações harmônicas esperadas. Notem, ainda, que este tema, de quatro notas repetidas, é um irmão menor do célebre tema da *Quinta Sinfonia*.

Mas aqui o destino bate numa porta totalmente diferente. Beethoven sustenta um diálogo de terna noção e moderação ao longo do primeiro movimento, cujo maior ponto de interesse está na contração e expansão das seções e frases, em paralelo à exploração das relações tonais.

O segundo movimento foi comparado por Liszt a Orfeu demandando as Fúrias com sua lira nos portões do inferno para buser Eurídice, e seu caráter inquietante e mítico de fato remete à ópera *Orfeu e Eurídice*, de Gluck, composta em 1762. O autor justapõe ríspidas frases das cordas em uníssono ao lirismo piedoso do tema formulado pelo piano. As cordas gradualmente vão se acalmando, e o piano, presentindo a vitória, faz um soliloquio. Ao final, todos tocam juntos, em harmonia, e a última questão do piano é respondida pelo início do último movimento, com as cordas no tom "errado". O piano assume as rédeas e ao cordô prossegue com o brilhantismo e o bom humor esperados, sublinhados pelo uso dos trompetes e tímpanos.

O público da estreia aplaudiu com entusiasmo, mas a surdez de Beethoven havia piorado bastante, e esta seria sua última apresentação como pianista. (2011)

FABIO ZANON
É VIOLONISTA, PROFESSOR VISITANTE NA ROYAL ACADEMY OF MUSIC E AUTOR DE *VILLA-LOBOS (SÉRIE "FOLHA EXPLICA")*, PUBLICAÇÃO, 2009). DESDE 2013, É O COORDENADOR ARTÍSTICO-PEDAGÓGICO DO FESTIVAL DE INVERNO DE CAMPOS DO JORDÃO

HAYDN
Sinfonia nº 96

A *Sinfonia nº 96*, de Joseph Haydn, pertence ao grupo das *Sinfonias Londrinas* que, no início de 1791, marcam a independência definitiva do compositor em relação à casa dos Esterházy. É em Londres que Haydn vai buscar a sobrevivência econômica, os editores mais competentes, as séries de concertos mais vistosas.

Visto pelos concorrentes como ultrapassado, Haydn não poupou esforços na composição com as *12 Sinfonias Londrinas (nºs 93 a 104)*, colocando as coisas no devido lugar. O compositor poderia estar avançado na sua carreira, mas dificilmente estava ultrapassado, especialmente no manejo da estrutura sinfônica, aperfeiçoada por ele próprio.

A *Sinfonia nº 96* foi um dos seus grandes sucessos londrinos e segue o formato clássico da sinfonia em quatro movimentos. Em cada um deles, Haydn demonstra criatividade compositiva comparável somente à de Mozart, no percurso harmônico inesperado, nos desvios formais inusitados.

O primeiro movimento, após o breve "Adagio" de introdução, é um "Allegro" em forma-sonata. Dois temas opostos dialogam entre si, resultando numa seção central em que as possibilidades, principalmente harmônicas, de um e de outro são exploradas, antes que os temas sejam reexpostos na sua feição quase original.

O segundo movimento, "Andante", viaja de Ré Maior a Sol Maior e aproveita o compasso dançante de 6/8 para afastar qualquer dramaticidade. A superficialidade também é afastada, pois, como diz Robbins Landon, biógrafo de Haydn, "o público inglês havia mostrado desde o início que Haydn não podia contar com a possibilidade de ser superficial!". O "Andante" foi repetido na estreia de 11 de março de 1791, o que é anotado com grande prazer na correspondência de Haydn.

O terceiro movimento, um "Menuetto" que segue a estrutura tradicional em quatro seções repetidas, tem um detalhe de extrema elegância: o solo de obé nas duas partes finais.

A *Sinfonia* bem que poderia terminar aí e talvez, por isso, o último movimento, "Vivace", seja breve ao ponto do anedótico. Na *Sinfonia nº 96*, os últimos compassos são apenas o cumprimento do protocolo sinfônico, satisfazendo intérpretes e ouvintes. (2012)

CELSO LOUREIRO CHAVES
É COMPOSITOR, PIANISTA, PROFESSOR TITULAR DE HISTÓRIA DA MÚSICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

ROBBINS LANDON, H.C. *Haydn: Chronicle and Works* (5 vols.). Londres: Thames & Hudson, 1995.

BARTÓK
O Mandarim Miraculoso, Op. 19

Béla Bartók começou a compor o balé *O Mandarim Miraculoso*, segundo ele uma "música demoníaca", logo depois de ter lido a história de Menyhért Lengyel no periódico literário *Nyugat* [Ocidente], em 1917, cerca de um ano antes do final da Primeira Guerra.

No cenário de uma metrópole sem nome, devastada pelo conflito, em que grassavam a fome, a criminalidade e a prostituição, *O Mandarim* é uma fábula de erotismo, sofrimento, horror e redenção, frutos do poder do dinheiro e da sexualidade.

Com seus sons dissonantes, o prelúdio reproduz o pandemônio das ruas. Em seguida, quando no balé a cortina se abria, penetramos no Mimi, que vive em três bandidos e uma garota chamada Covi. Bartók delineia os traços de caráter dos três comparsas por meio de uma canção folclórica distorcida. Ao se verem sem dinheiro, eles ordenam que a garota se exhiba na janela e atraia um cliente para que seja roubado. A presença de Mimi é desenhada por acordes que revelam, além da frieza exigida por seu ofício, certa doçura.

A surdatura é anunciada por um solo de clarinete em que Bartók recorre ao folclore húngaro, carregado de reminiscências de melodias árabes ou turcas.

Uma marcha em quatro tempos apresenta a primeira vítima: um cavalheiro idoso, cujas roupas refletem uma elegância passada, corroida pelo tempo. Ao descobrirem que o velho não tem dinheiro, os bandidos o atiram escada abaixo.

De novo, Mimi se debruça na janela e, desta vez, quem sobe é um jovem estudante, retrato da inocência. Ao se separar com a mulher, o rapaz fica constrangido e sem ação. Sua incerteza é delineada num ritmo a cinco tempos pelo harpa. Mimi dança com ele, mas, ao descobrirem que o rapaz também não tem um centavo, os bandidos o expulsam.

A terceira vítima é anunciada pelo trombone em sintonias sóbrias que remetem à música chinesa, ao Oriente distante, ao perigo amarelo que atemorizava a Europa. Quem surge no bordel é um mandarim, um homem de posses, e a orquestra assume um ritmo a sete tempos sustentado pela percussão. Diante da nova presença, Mimi se vê aterrorizada. Porém, ante a imobilidade do visitante, ela passa a seduzi-lo, dançando uma valsa vienense.

Em dado momento, o mandarim é tomado pelo desejo e agarra a garota. Os bandidos o atacam e procuram se afixá-lo com almofadas, lençóis e tapas. Em meio aos tiros, o mandarim resiste e encara a mulher com um olhar ardente. Em seguida, os três criminosos o esfaqueiam com uma lâmina enferrujada e, de novo, o mandarim sobrevive e contempla Mimi com o mesmo olhar lascivo.

Por fim, os bandidos tentam enforcá-lo na luminária que pende do teto. O mandarim despenca, a luz se apaga, e o nobre chinês irradia uma luz verde azulada espectral. Mimi compreende, afinal, o que tem de fazer. Entrega-se ao mandarim e, assim que ele a possui, seus ferimentos começam a sangrar e sua vida, como o desejo, se extingue.

Pela densidade instrumental e pela riqueza de colorido orquestral, as tentativas de assassinato, o desejo incontrolado, a entrega de Mimi e a morte do mandarim fazem dessa "antemima grotesca" uma das composições essenciais do século XX, equiparada por vezes à *Sagração da Primavera*, de Stravinsky.

O balé estreou em 1926, em Colônia, e proporcionou o primeiro escândalo musical da história da cidade. Recebido, como a *Sagração* treze anos antes em Paris, com protestos e vaia, teve as apresentações seguintes canceladas. Na Hungria, o balé completo foi apresentado pela primeira vez somente em 1945, dois meses após a morte do compositor. (2014)

PAULO SCHILLER
É PIANISTA E TRADUTOR

A Osesp apresentará a *Suite do Mandarim Miraculoso* nesta noite. Ela contém pouco mais que os primeiros dois terços da partitura original, e o compositor optou por suprimir as tentativas de assasinato ao mandarim — presentes no balé —, finalizando a peça com um esplêndido fortíssimo. A *Suite* foi muito bem aceita, desde sua estreia, em 1928, em Budapeste.

Fonte: TRANCHEFORT, François-René. *Guia da Música Sinfônica*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1990.

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
Fundada em 1954, desde 2005 é administrada pela Fundação Osesp. Thierry Fischer tornou-se Diretor Musical e Regente Titular em 2020, tendo sido precedido, de 2012 a 2019, por Marin Alsop, que agora é Regente de Honra. Em 2016, o Orquestra esteve nos principais festivais da Europa e, em 2019, realizou turnê na China e em Hong Kong. No mesmo ano, estreou projeto em parceria com o Carnegie Hall, com a *Nona Sinfonia* de Beethoven cantada inditadamente em português. Em 2018, a gravação das *Sinfonias* de Villa-Lobos, regidas por Isaac Karabchevsky, recebeu o Grande Prêmio da Revista *Concerto* e o Prêmio da Música Brasileira.

THIERRY FISCHER REGENTE
Desde 2020, Thierry Fischer é Diretor Musical e Regente Titular da Osesp e, desde 2009, Diretor Artístico da Sinfônica de Utoph, da qual se tornará Diretor Artístico Emérito a partir do segundo semestre de 2023. Foi Principal Regente Convidado da Filarmônica de Seul (2017-2020) e Regente Titular (agora Convidado Honorário) da Filarmônica de Nagoya (2008-2011). Já regeu orquestras como a Royal Philharmonic, a Filarmônica de Londres, as Sinfônicas da BBC, de Boston e Cincinnati e a Orchestre de la Suisse Romande. Também esteve à frente de grupos como a Orquestra de Câmara da Europa, a London Sinfonietta e o Ensemble Intercontemporain. Thierry Fischer iniciou a carreira como Primeira Flauta em Hamburgo e na Ópera de Zurique.

TOM BORROW PIANO
Nascido em Tel Aviv em 2000, Tom Borrow se apresentou como solista com todas as principais orquestras de seu país natal e venceu todos os concursos nacionais de piano em Israel. É aluno do professor Tomer Lev, Diretor da Escola de Música Buchmann-Mehta da Universidade de Tel Aviv, e tem tido aulas regulares com Murray Perahia, através da Jerusalem Music Centre. Em janeiro de 2019, Tom Borrow foi convidado para substituir a renomada pianista Khatia Buniatishvili em uma série de 12 concertos com a Orquestra Filarmônica de Israel, com apenas 36 horas de antecedência. Devido ao sucesso da concerta, foi bem recebido pelo público e aclamado pela crítica. A partir de então, Tom foi convidado por grandes orquestras do redor do mundo — incluindo o Orquestra de Cleveland, Filarmônica de Londres, Orquestra de Santa Cecília e outras. Ele é um artista do programa New Generation Artist da BBC.

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
DIRETOR MUSICAL E REGENTE TITULAR: THIERRY FISCHER
VIOLINOS: EMANUELE BALDINI SPALLA, DAVID IRKINER, YURI RAKEVICH, PEDRO GALDEIA, ADRIAN PETRUTIU, IGOR SARUJIANSKY, MATTHEW THORPE, ALEXEY CHASHNIKOV, AMANDINE MARTIN, ANDERSON FARINELLI, ANDREAS UHLEMANN, CARILA YASUDA, CAROLINA KLEMMANN, CESAR A. MIRANDA, CRISTIAN SANDU, DEBORAH SANTOS, ELENA KLEMENTIEVA, ELINA JURIS, FLORIAN CRISTEA, GEORGHIE VOICU, INNA MELTZER, IRINA KODIN, KATIA SPASSOVA, LEANDRO DIAS, MARCIO AUGUSTO KIM, PAULO PASCHOA, RODOLFO LOTA, SORAYA LANDUM, SUNG-EUN CHO, SVETLANA TEBEZHKOVA, TATIANA VINOGRADOVA
VIOLAS: HJORACIO SCHAEFER, MARIA ANGELOCA CAMERON, PETER PAS, ANDRÉS LEPAGE, DAVID MARQUES SILVA, EDERSON FERNANDES, GALINA RAKHIMOVA, OLGA VASSILEVICH, SARAH PIRES, VLADIMIR KLEMENTIEV
VIOLONCELOS: HELOISA MEIRELLES, RODRIGO ANDRADE, ADRIANA HOLTZ, BRAULIO MARQUES LIMA, DOUGLAS KIER, JIN JOO DICH, MARIA LUIZA CAMERON, MARIABI TRISOLID, REGINA VASCONCELOS
CONTRABAIXOS: ANA VALERIA POLES, PEDRO GALDEIA, MARCO DELESTRE, MAX EBERT, ALEXANDRE ROSA, ALMIR AMARANTE, CLAUDIO TOREZAN, JEFFERSON COLLACICO, LUCAS AMORIM ESPÓSTO, NEY VASCONCELOS, TONY MAGALHÃES**
HARPAS: LUIZA KLEVTSOVA, FLAUTA: CLAUDIA NASCIMENTO, FÁBOLA ALVES, JOSÉ ANAVIAS, SÁVIO ARAÚJO
OBOÉS: ARCADIO MINCZUK, JOEL GIGER, NATAN ALBUQUERQUE JR., CORNEIQUES, PETER APOSTOL, RICARDO BARBOSA
CLARINETES: OVANIR BUOSI, SERGIO BURGANI, NIVALDO ORSI, CLARONE, DANIEL ROSAS, GUILIENO ROSAS
FAGOTES: ALEXANDRE SILVERIO, JOSE ARION LINAREZ, ROMÉU RABELO, CONTRAFAGOTE, FRANCISCO FORMIGA
TROMPAS: LUIZ GARCIA, ANDRE GONCALVES, MARCELO ALVES, JOSE COSTA FILHO, NIKOLAY GENOV, LUCIANO PEREIRA DO AMARAL, EDUARDO MINCZUK
TROMPETES: FERNANDO DISSENER, GILBERTO SIQUEIRA, ANTONIO CARLOS LOPES JR., MARCOS MOTTI, MARCELO MATOS
TROMBONS: DARGIO GIANELLI, WAGNER POLISTCHUK, ALEX TARTAGLIA, FERNANDO CHIPOLLETTI
TROMBONAS: DARRIN COLEMAN MILLING, TUBA: FILIPE QUEIROZ
TIMPANOS: ELIZABETH DEL GRANDE, RICARDO BOLOGNA
PERCUSSÃO: RICARDO RIGHINI - PERCUSSÃO, ALFREDO LIMA, ARMANDO YAMADA, EDUARDO GIANESSELLA, RUBEN ZUPPOLA
TECLADOS: OLGA POZYLOVA, INGRID UEMURA CELESTA**
CONVIDADOS DESTES PROGRAMAS: GERSON NONATO, VOLHO, NATHALLI SUDARIO, VOLONCELO, OSVALDSON FERREIRA, FAGOTE, ADIB CORREIA, TROMBONE, FELIPE BERNARDO ORSÃO
(*) CARGO INTERINO
(**) ACADÊMICISTAS DA OSESP
OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS EM ORDEM ALFABÉTICA, POR CATEGORIA. INFORMAÇÕES SUJEITAS A ALTERAÇÕES.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
GOVERNADOR: JOAO DORIA
VICE-GOVERNADOR: RODRIGO GARCIA
SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETÁRIO: SÉRGIO SÁ LEITÃO
SECRETARIA EXECUTIVA: CLAUDIA PEDROZO
CHEFE DE GABINETE DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVADO ESTADO DE SÃO PAULO: FREDERICO MASCARENHAS
COORDENADOR DA UNIDADE DE DIREÇÃO CULTURAL, BIBLIOTECAS E LETURA: CHRISTIANO LIMA BRAGA

FUNDAÇÃO OSESP
PRESIDENTE DE HONRA: FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE: PEDRO PULLEN PARENTE
VICE-PRESIDENTE: STEFANO BRIDELLI
CONSELHEIROS: ANA CARLA ABRÃO COSTA, CELIA KOCHEN PARNES, CLAUDIA NASCIMENTO, JAYME GARFINKEL, LUIZ LARA, MARCELO AYATH, MÁRIO ENGLER PINTO JUNIOR, MÔNICA WÄLDVOGEL, PAULO CEZAR ARAÚJO, SÉRGIO GUSMÃO SUCHODOLSKI, TATYANA VASCONCELOS, ARAUJO DE FREITAS
DIRETOR EXECUTIVO: MARCELO LOPES
DIRETOR ARTÍSTICO: ARTHUR NESTROVSKI
SUPERINTENDENTE GERAL: FAUSTO A. MARCUCI ARRUDA

LOGOS: SAO PAULO GOVERNO DO ESTADO, OSESP, ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA FUNDAÇÃO OSESP, SAO PAULO GOVERNO DO ESTADO, SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA, MINISTÉRIO DO TURISMO, PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

SOCIAL MEDIA: /osesp, /osesp_, /videoesosp, /osesp, /salasoaopaulo, /salasoaopaulo_1, /salasoaopaulodigital, /osesp

osesp.art.br, salasoaopaulo.art.br, fundacao-osesp.art.br